



HÉLDER SIMBAD

A PALANCA DE CHIFRES DOURADOS



Hélder Simbad

A PALANCA
DE CHIFRES DOURADOS
(Novela)

2019

Ficha Técnica

Autor:

Hélder Simbad

Título:

A Palanca de Chifres Dourados

Género:

Infantojuvenil

Correcção:

Mário Henriques e AC Kamba

Edição Digital:

Edições Handyman e Movimento Litteragris

Capa:

Edições Handyman

Disponível no site:

palavraearte.co.ao (Revista Palavra&Arte)

Contacto:

930 456 414

PREFÁCIO

Da mitologia à realidade, uma Angola algures

Algures, existe uma Angola para os angolanos. Uma Angola que se auto defende dos males internos e externos e que não subverte a sua identidade em favor da sua pseudosolidariedade e da ganância dos seus líderes. E se a realidade é uma extensão da ficção, eis aqui uma proposta de um território verdadeiramente soberano e independente de qualquer vontade terrena e humana.

A narrativa que se nos apresenta é caracterizada pela unicidade diegética, na medida em que transcende de uma forma simples para uma forma culta de narratividade sob o viés do mito. O mito, uma crença-verdade, aparece entranhando à novela através do pensamento profilosófico de um «miúdo escritor» que, na tentativa de evitar um «porvir nauseabundo e intrigante», outorga asas a sua capacidade fantástica de criar e convoca um signo imagético que protagoniza a diegese e dá título à obra – A Palanca de Chifres Dourados.

Um signo é, à luz da teoria peirceana, a verificação de qualquer fenómeno presente na mente com origem externa ou interna e de existência real ou irreal. Desse ponto de vista, percebe-se que o signo em evidência é de origem externa, todavia de existência irreal, porquanto identifica-se-lhe uma característica que lhe não é inerente, os chifres de ouro.

A palanca é uma espécie de antílope a qual pertence a subespécie *Hippotragus niger variani* ou simplesmente palanca-negra, exclusiva da fauna angolana e da província de Malanje. É, portanto, neste animal onde o escritor fez habitar a alma sofrida de uma escrava, personagem-tipo, que representa o conjunto de todos os angolanos que foram (e ainda o são) vítimas da colonização e, por extensão, da segregação racial e social. E como o corpo humano é matéria dissolúvel no tempo, urgiu moldar a sua alma a um corpo cuja matéria não se gasta com o tempo, cujo corpo, na orla do padecimento, se funde com a natureza, promovendo uma purificação espiritual e cósmica por meio do ouro de Matamba, uma cidade de sonho.

Esta *novella* (novidade), do ponto de vista da verticalidade, circunscreve a sua acção num espaço atópico, pois que os estrangeiros foram atraídos pelo fascínio da aventura e da necessidade de descortinar o desconhecido, entretanto acabará por se revelar um espaço utópico, porquanto é tal o céu, “inalcançável” as mãos humanas que só representam dor, destruição e morte. Por isso, nem por ficção poder-se-ia dar aos angolanos aquela cidade. Matamba,

uma região fértil. Uma espécie de reino secreto. Quem, por acaso, passasse por lá, ao sair, não tinha memória daquele lugar. O que restava aos turistas era uma enorme sensação de terem estado num lugar maravilhoso e mágico. Matamba era um sonho.

Aqui, Matamba, nome de um poderoso e antigo reino pré-colonial, localizado na Baixa de Kasange, em Malanje, é atroado pelo «miúdo-escritor» como um *representamén* de verticalidade identitária, provavelmente porque os dados históricos não apontam o reino como um dos convertidos ao cristianismo imposto pelo colono, mas também porque é o cognome dum *nkisi* (divindade) que representa um sentimento que se subeleva à razão, a paixão desvairada, a cujo núcleo todos querem atingir, quanto mais não seja pela sua riqueza transbordante e pelo poder que a sua terra confere àqueles que nela habitam.

«Poder: a origem de todos os males», não permitiu que os olhos cegos e a inevitável corrupção do povo de Alogna pudessem desfrutar de uma terra em que tudo é vida, até mesmo a própria morte. Entretanto, algures, ainda existe uma Angola para os angolanos.

Adilson Gonçalves
Estudante da Faculdade de Letras

NOTA DO AUTOR

Estimado leitor, não me responsabilizo pelas suas sensações e associações. A realidade é uma extensão da ficção e não o contrário. A realidade é tudo em que você acredita. A realidade é o que eles contam e fazem parecer. Na verdade, tudo parece real, tudo parece verossímil, tudo parece fictício. Tudo pode ser o que é e ainda assim não ser nada.

Capítulo I

Das escavações ao misterioso clarão

Descobriram restos de dinossauros, entre outras especiarias animais, por entre os profundos subsolos das terras da Palanca-negra-gigante, a partir dos seus potentes computadores. Organizaram-se e escreveram uma carta dirigida ao governo de Alogna, pedindo autorização administrativa para a exploração daquela parcela territorial. Era um grupo de arqueólogos composto por americanos, chineses, portugueses e brasileiros. Um afamado grupo que, ao caso, descobriu uma civilização antiga enterrada há três milhões de anos na grande Amazónia. Foi uma das descobertas mais completas em termos de civilizações antigas. Através dela, quase que se podia explicar o mundo e sua origem confusa. Afinal, os humanos conviveram com os dinossauros! A descoberta trazia variadíssimas respostas, mas as respostas levá-los-iam a outras perguntas.

Aquele governo amava elogios, venerava o olhar de fora. Entregara aquele espaço sem questionar. Podem explorar. Sentimo-nos muito honrados em ajudar. É nosso dever. Vivemos para o próximo. Contribuir para descobertas científicas é fantástico. Somos tão bondosos que temos oferecido os nossos melhores quadros a países americanos e europeus. Somos assim: solidários.

A expedição atracara no porto de Luanda e foi recebida com carinho e hostilidade. O povo que mal sabia ler estava feliz por saber que o seu país era palco das mais importantes descobertas científicas. Entretanto, a cidade capital, dando uma de cartomante, põe-se a ler o futuro dos visitantes e decide expulsá-los. Todos eles puderam sentir o fervido abraço do Deus-sol. Um guerreiro de pó agigantava-se e

soprava granitos nos impávidos rostos dos turistas. Contudo, o pior ainda estava por vir. Um porvir nauseabundo e intrigante. Eles iam conhecer o poder do Monstro-lixo. Todos os cheiros enjoativos da cidade reuniram-se na Boa Vista, abraçaram o vento-leste e foram combater os invasores. Todos eles, absolutamente todos, padeceram de náuseas. Os governantes tapavam-se com os desajeitados mantos da vergonha. Não eram certamente as boas vindas que os turistas esperavam. A cidade, triste pela paixão do povo, envergonhada, devolveu o equilíbrio aos estrangeiros. Pronto! Podem partir. Restarão mesmo poucos de vocês! Avisava-lhes a cidade com um registo de vozes tenebrosas suspensas entre um mar sísmico e uma floresta de neve subterrânea.

Com as suas grandes máquinas, dirigiram-se até a desejada região. Pelo caminho, passavam por 43 anos de subdesenvolvimento e sentiam-se magoados como se os seus ancestrais não tivessem sido também parceiros da culpa. A natureza intacta, que se constituía como adornos dos caminhos passados, era duma beleza sem igual que não tardava a começar encobrir a incapacidade dos deuses, diabos dos seus povos. Eram acácias governadas pela mãe natureza. Acácias de várias formas com flores multicolores, formando um céu por cima do qual sobrevoavam lilases borboletas e reluzentes vaga-lumes de cor violeta.

A expedição, finalmente, repousava no lugar almejado. Era constituída agora por arqueólogos, historiadores, geólogos, paleontólogos, engenheiros de som, astrofísicos, turistas sem empregos, mas com herança milionária. Sabe-se que, onde há americano, há sempre armas. Diga lá Trump: é preciso armar os professores. De conhecimento, senhor presidente? Não! Armá-los mesmo com armas para se evitar mortes nas escolas. Então havia também militares armados. Paul, o filho adoptivo do casal de turistas americanos, era também um dos integrantes.

De repente, os aparelhos eletrónicos viviam num espaço psicológico em que se dividiam entre a demência e a sanidade, num tempo que variava de cinco em cinco minutos. Demência e sanidade que partilhavam com os senhores da Expedição. Os olhos dos arqueólogos enchiam-se de perguntas e questionavam-se nas suas línguas. Sinal de um dinossauro intacto! Aqui também! Como é possível?!

No mesmo dia, começaram a escavar. O que encontravam deixava-os pasmos, assombrados. Começaram a duvidar da sua ciência universitária. Como é possível, depois de milhares de anos, um dinossauro revestido de pele e sem entrar em estado de

putrefacção em terras quentes? Houvesse grandes blocos de gelo, seria normal! Mas como?! Que espécie será esta? Eram animais que não constavam da lista das espécies conhecidas. Os paleontólogos não acreditavam no que viam. Não eram fósseis. Eram mesmo animais, mortos, mas completos. Descobriram que reconstruir um animal através de esqueletos eram apenas hipóteses, porque o que viam nunca tinham visto. Mesmo os animais dos filmes *Parques Jurássicos*, reconstruídos com a mais apurada das tecnologias, nada tinham que ver com o que viam. O que viam era o que viam, o novo, o impossível a se lhes revelar. Estamos aqui diante de vocês. Viemos dizer-vos que, apesar da vossa ciência, continuam ignorantes. O que dizer de um rio de água gelada desaguando noutra rio de água quente?! Que fenómeno é este?! Esta terra não existe! Acredito que estamos a ser movidos por um escritor, só pode! Somos fruto da imaginação de um louco. Desconfiava Lady Wilson.

O geólogo da expedição estudava aquelas areias arrancadas à pá do pedaço de terra, situado entre Kalandula e Punguandongo. Havia minerais raros, ausentes nas amarrotadas folhas das tabelas periódicas que distribuíam nas salas de aulas das escolas católicas. Os meninos das escolas públicas nunca tiveram esse direito. Havia insectos estranhos. Insectos extintos há milhares de anos. Aquela areia parecia era de ouro. Estamos ricos! Nós viemos pelos dinossauros! Mas nada nos impede de sairmos daqui mais rico. E ... se as autoridades nos descobrem? Não te preocupes, nós falamos a linguagem deles. Fogo! Uma terra de ouro e tão pobre, como é possível?! Toda essa conversa era trocada num inglês traiçoeiro, arrogante e nojento.

A noite passava por eles, penetrando-lhes pela ensonada alma, mas estes continuavam a escavar. Ouviam-se sons estranhos vindos de nenhum sítio. Mas ninguém vence a força de um dia sem dormir. Pela manhã, todos estavam mortos em diferentes cenários. Quem se ergueu primeiro, no terceiro dia, foi Paul. O miúdo americano, enjoado como qualquer criança de outro país – ainda que pobre –, começou a seguir um estranho insecto voador que, cada vez mais, o afastava da expedição. O miúdo, enjoado como qualquer criança de outro país – ainda que pobre –, decidiu acelerar os passos e acabou caindo num precipício que o levou perto do antigo reino da Matamba. Não aguentara o embate da queda e desmaiou.

Ngola Mbandi aproximara-se do miúdo com cautelas. Não o achava estranho de todo. Afinal, não era a primeira vez que olhava para um branco. Mas era um branco dormindo e miúdo como ele. Nas Organizações Não-governamentais, que visitavam

uma das aldeias em que se encontrava na época da guerra civil, havia brancos. Mas nunca um branco da sua idade. Mbandi acreditava que os brancos já nasciam adultos. Era uma crença que perdurava por cinco anos. Agora, aos dez, ver aí deitado um menino branco, com a sua idade, era a resolução de um mistério, a clarificação das coisas inexplicáveis.

Seguidamente, ouviu-se um enorme estrondo e viu-se um grande clarão no céu que podia fazer adivinhar a chegada triunfal do reino do Deus cristão. O povo matambino sabia que algo nefasto estava a nascer. Sempre que ela se levanta é porque o mal se aproxima.

Paul, assustado, despertou-se e, bruscamente, pôs-se em pé, erguendo, entre as mãos, o primeiro pau que se lhe revelou por entre os olhos azuis. Afinal, estava aí um miúdo negro! Dá-me a porra dessa mochila! Disse-lhe o ladrão de pouca idade, negro, num inglês muito grosseiro, apontando-lhe uma faca. Lembrou-se rapidamente daquele episódio. O dia em que nem Super-homem, nem Batman, nem o idiota do Homem-aranha apareceram para o salvar. Infelizmente, Paul aprendera, nas modernas américas dos seus dez anos de vida, que negros já nascem marginais e, num inglês medroso e mimado, perguntava:

– Quem és tu? O que queres? Não tenho dinheiro! Sai daqui! Sai daqui, por favor!

Aquele rosto de bebé mimado deixava Ngola indignado. Ele era da sua idade, afinal. Aquela forma de chorar só era permitida em Matamba até aos seis anos. Aos sete, todos são guerreiros e vão à caça, sozinhos. Como é que aquele jovem-adulto de dez ou doze anos choraria assim?! Não pode! Não, não, não! Afinal, os brancos demoravam muito a crescer! Fora essa a impressão que Mbandi extrairia do instante. Mas manteve a calma. Procurou acalmá-lo com gestos. Paul condescendia e começava a acalmar-se aos poucos. Mas o que dizer de um adulto em cujo rosto se lhe percorre um rio triste?! Perguntava-se Ngola, o menino guerreiro. Paul deixara de soluçar e colocou um rosto adulto. Atingia naquele instante a maior idade, na concepção filosófica de Ngola.

– Meu nome é Ngola Mbandi! O que fazes aqui? De onde vens? Por que estás aqui sozinho? Onde estão os teus pais? Perguntava-lhe num Kimbundu muito simpático.

Ngola tinha rosto de quem era um bom amigo e em quem se podia confiar. Paul não demorou a perceber, sentindo-se mais à vontade, libertou-se de todo o medo. Lembrou-se do seu amor platónico. Celine era a única pessoa de pele negra por quem Paul sentia admiração. Era diferente, não gozava dele, defendia-o dos insultos dos outros colegas e consolava-o. Era linda, cabelo liso, pele castanha tal um cacau sul-africano, baixinha, falava com Paul num inglês afável e escapava-se-lhe sempre um sorriso espesso por entre os lábios morangos. Aquele sorriso era a luz de Paul. Por força dele, enfrentava o preconceito. Acreditava que valia a pena viver. Mas Paul sabia que era impossível nascer daquela mãe e procurava, no fundo de si, um rosto, um corpo, um milagre para saber como seria a sua mãe biológica. Paul sonhava. A mãe dos seus sonhos saía da igreja católica em forma de anjo e beijava a sua bochecha esquerda todas as noites. Certo dia, entre fúria e susto, despertou-se com um beijo da mãe de criação. Recompôs-se. Tinha de aceitar. Era a sua realidade. Afinal, Lady Wilson era carinhoso e mimava-o. Ele detestava o excesso, embora adorasse.

Se prestaram bem atenção, a primeira fala de Ngola responde à primeira questão de Paul. Não é que se se tivessem entendido. Quando abordou Ngola, na capital de Malanje, a primeira coisa que Júlia Kristeva fez foi dizer: *me...* – levando o dedo ao coração – Júlia Kristeva! *You?* Nada! Ngola não respondia até surgir o branco que nasceu em Malanje antes da independência e falava Kimbundu e dizer ... – Ngola! Desde aquela data, a primeira coisa que Ngola faz ao ver um branco é dizer o nome. Ngola nunca se esquecera daquela senhora que o carregava no colo e lhe dizia, com sorrisos, palavras que ele não entendia. Júlia Kristeva era uma senhora espiã, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que, depois de cometer muitos pecados de traição e assassinatos, convertera-se ao cristianismo e, como penitência, circulava em países pobres e em guerra, para poder ajudar crianças desfavorecidas e, aos poucos, diminuir nos seus pecados. O primeiro brinquedo de Ngola foi um presente de Kristeva. Era coleção de banda desenhada. Tinha o Batman, Super-Man e o X-Man. Todas as noites, os seres do papel saíam do livro e partilhavam aventuras fenomenais com Ngola.

Correu para casa e trouxe-lhe uma sanga com água, acompanhado de algumas frutas. Paul sentia-se feliz pela hospitalidade, mas a língua era um obstáculo. Queria voltar para o local donde viera, mas o outro não o compreendia.

Começaram a andar e conversavam inversamente num Inglês e Kimbundu simpático.

– Temos de chegar ao acampamento, Ngola!

– Vou levar-te num sítio onde os espíritos falam comigo. (Sorrindo, dando a entender que compreende a língua de Paul)

Ngola conhecia bem os caminhos que não os desviariam dos perigos. Os caminhos das aventuras. Passaram por uma zona onde havia um bando de chineses e angolanos derrubando árvores. Árvores que seriam transformadas em madeira que tornará à China mais bela, sem algum retorno para os cofres do estado. Aquela acção irresponsável irritava a consciência ecológica de Paul e, num inglês mal-educado tal nos filmes que tratam o tema da delinquência em Chicago, disse, olhando para Ngola:

– Esses sacanas não sabem que a camada do ozono está a danificar e que precisamos das árvores para a purificação do ar?! Nunca ouviram falar de aquecimento global? Devem ter estudado com Trump, esses filhos da mãe...

Ngola erguia as palmas das mãos em forma de v aberto, agigantando os ombros em gesto de concordância. Paul, num inglês arrogante, subiu numa das árvores cortadas e começou a usar expressões grosseiras, ditas em filmes de rap norte-americanos. Os homens sentiram-se ameaçados. Onde há crianças, há adultos ... mas distantes! Temos de os apanhar! – Imperou um dos homens, chinês, num mandarim muito agressivo. Em mandarim quase tudo soa à agressividade. Mia olhava furiosamente para Kan. Poder-se-ia jurar que Mia dissera – quero matar-te. Mas o que se lia na legenda do televisor é – eu amo-te e, por favor, volta. Os homens viam furiosos. Vendo-os vir em sua direcção, Ngola assustou-se e disse a Paul, num Kimbundu apavorado:

– Corre até não poderes mais! Esses são homens do General Cahoyo, comem pessoas e animais vivos. Corre mesmo!

Paul não compreendia aquele Kimbundu, mas sentia aflicção na expressão facial e nos gestos de Ngola. Os dois puseram-se a correr como nunca. Poderiam bater um Usain Bolton naquela corrida. Claro que numa super-velocidade infantil. Os homens aproximavam-se e as crianças não mais tinham forças para correr. Quando um dos homens estava prestes a agarrar Ngola, eis que surgiu uma luz enorme e começou a derrubar os homens do general. As crianças, assustadas, não ficaram para ver aquilo e continuaram a correr sem direcção, até darem a um espaço que até mesmo o menino Ngola, conhecedor daquelas bandas, desconhecia. Parecia era uma cidade de pedra

acabada de sair da terra. Havia muita areia descendo dos monumentos históricos. Ouviam-se vozes. Ngola, destemido, aproximava-se e, enquanto caminhava, dizia num Kimbundu espantado:

– Eu sempre soube! São os espíritos. Eu ouvia-os e falava com eles.

Na cabeça de Paul surgiam vários filmes: Viagem ao centro da Terra, A Múmia, O Reino Perdido, entre outros. Mas o que viam era inacredível.

Aquela explosão e clarão ressuscitaram toda a expedição. Onde se meteu esse menino? Indagava Lady Wilson, a mãe homossexual de Paul, num inglês muito refinado. Lady Wilson trazia, à volta do pescoço, um camaleónico colar brilhante que reluzia como um arco-íris naquele instante. Era a forma como o sol ganhava vida, perto de Matamba, tudo é vida. O sol olhava para o colar e maravilhava-o.

Todos começaram a preocupar-se. Como é que, de repente, todos dormimos e agora, três dias depois, estamos acordados? Não dormimos, morremos? Dormir é morrer! Afirmou o filósofo turista. Num inglês algo desesperado, Mister Jhon, o pai:

– Onde está a minha criança? Ó meu Deus! Dê-me um sinal!

E de repente o dia se fez noite, assombrando as crianças que, na tentativa de fugirem daquele lugar que acabava de lhes surgir, se separaram. Paul seguia bastante assustado. Ngola, nem tanto. Não tinha medo dos espíritos. Paul, com ajuda da lua, via homens de pedras que pareciam querer sair daquelas paredes antigas, observava amedrontado as estranhas máscaras ancestrais. Esbarrou num bloco e caiu. Chegou uma luz. Era a Palanca-de-chifres-dourados que ressurgiu daquele estrondo acompanhado de luz depois de três séculos. Preparou o ataque contra a criança branca. Mas antes preferiu dirigir-se-lhe num Kimbundu agressivo, rancoroso e algo anacrónico:

– Vocês de novo? Tantos anos dormindo e vocês ainda andam aqui? Vou matar-te, filho do opressor!

– Espírito, não! – Imperou Ngola, surgindo da escuridão numa porta que devia dar para algum abismo.

Continuou num Kimbundu acusador:

– O inimigo agora é outro. Não se vê pela cor. Já não tem cor definida. Esse daí é meu amigo. O inimigo agora é General. O General, em Alogna, é negro como eu.

Agora tem escravo branco e negro. O grande Soba diz que, nas grandes terras, agora quem tem dinheiro é que manda. O dinheiro é o deus que eles rezam.

– Mas eu acabei de matar dois homens brancos que estavam atrás de escravos! – Retorquiu a Palanca.

– Não estavam atrás de escravos. Estavam atrás de nós. Aqueles homens negros os quais deixaste vivo trabalham com os brancos e todos eles são escravos do General. Olha, a minha irmã, que voltou das terras da perdição, disse que, agora, são os nossos irmãos que governam a metrópole e de um jeito quase igual ao do colonizador.

– O quê?! É mais assim? Agora é o próprio preto a escravizar o próprio preto?!

– Mas antigamente isso já não acontecia? – Perguntou sarcasticamente Paul, estranhamente, em Kimbundu.

Ngola, espantado, respondeu: era outro cenário. Mas disse em inglês! Os dois fitaram-se e começaram a questionar-se sobre o que se passava. O que viria ser aquilo? Paul falando Kimbundu e Ngola, inglês?! Os dois entraram em pânico, mas Ngola começou a achar engraçado, começou a gostar daquele inglês meio infantil. Paul, como todo americano, inicialmente começou a odiar a língua. Onde é que já se viu, deixar de falar aquela que é a língua mais falada, a língua da maior potência do mundo para falar uma língua em via de extinção?! A Palanca acalmou-os, devolvendo-lhes a sua natureza. Ela queria saber como se sentiriam sendo outros dentro deles. Activou os seus super-poderes e, numa linguagem magicamente bilingue, começou a dirigir-se simultaneamente aos dois:

– Eu sou uma maldição de há trezentos anos. Um rei quis de mim, mas eu fugi com um dos seus escravos. Ele sentiu-se humilhado e reuniu todos os bruxos de cinco reinos. Fizeram um feitiço de trovoadas. Chovia naquela tarde que não demorou ser noite. Os espíritos estavam enfurecidos comigo e decidiram castigar-me. Eis que duas nuvens colidiram e um raio desceu sobre nós. Eu sobrevivi àquele ataque, Namutu, meu amado, não. Vivi com feridas na carne por anos, mas as da alma eram as mais letais. Mataram-me a mim e ao meu esposo naquele dia, mas eu viria a morrer tempos depois. Entretanto, sabe-se lá como (?!), a minha alma foi acolhida por este corpo-animal.

Durante a escravatura libertei vários grupos de escravos. Transformei-me numa palanca de guerra. Estávamos prestes a vencer, mas a família real e os bruxos do último

reino deixaram-se corromper pelas riquezas da pele, e eu fui capturada por um poderoso feiticeiro e, seguidamente, enterrada viva. Com o passar dos séculos, mesmo enterrada, eu sentia a purificação, poderes multiplicando-se em mim e transformei-me nessa palanca de chifre dourado. Regresso sempre que há grandes problemas. Voltei do estrondo e do clarão que observaram e vi alguns homens brancos e armados num lugar perto daqui. Antes eram todos iguais. Só se distinguiam no tamanho. Há, hoje, uns mais brancos do que os outros ... mas, no final, são todos pessoas. É isto que os homens não conseguem entender.

– Diferentes, porque há lá asiáticos, americanos e europeus. O meu pai e a minha mãe estão com eles! Disse Paul no seu inglês habitual.

– Não fales à toa. Teu pai talvez, tua mãe impossível. Aí não havia nenhuma mulher. Havia um homem diferente, com missangas no pescoço e uma forma de vestir estranha. Retorquiu a palanca.

– Tu falas essa língua estranha?! – Perguntou Ngola, admirando.

– Sim! Tenho super-poderes. Posso falar o que quiser. Agora dizes estranha, não é?! Pude ver como te sentias ao seres ele. É assim que entregámos o país aos colonizadores. Ama o que és, mas podes sempre aproveitar-te do bom que te dão. Por que não falar as duas línguas?! Podes falar inglês sem deixares de falar a tua língua.

– Mas diga-me ainda, voltando no assunto anterior: governar metrópole como assim?

– Depois de voltarem para a sua terra, caíram em desgraça. Agora os nossos gatunos é que mandam lá.

Enquanto conversavam, Paul afastara-se deles para ir ter com os pais. Pelo caminho notava que o chão ficava vulnerável. O terreno cedia à volta do acampamento e num inglês aflito:

– Socorro! Alguém me ajuda! Socorro! Há alguém aí para me ajudar. Ó meu Deus. Sou apenas uma criança para morrer já!

A palanca, ouvindo aquele clamor, correu para lhe socorrer. Encontrou-o pendurado por entre os ramos de uma Mulembeira que se transformara numa enorme ponte. Caminharam, por horas, até ao acampamento. Chegando lá encontram apenas

dois enormes cães de raça euroamericana a guardar o local. Os cães não gostaram nada de ver a Palanca e o menino Ngola. Paul tentava-os acalmar, mas parece que os cães não entendiam o inglês de Paul e, num ataque agressivo, lançaram-se contra Ngola. A Palanca pôs-se a meio do caminho e começaram uma dança traiçoeira com gestos de ataques. Os chifres da Palanca reluziam como nunca e não tardara a entrar em chama. Eram verticais, mais os miúdos viram-nos a inclinarem-se para a horizontal. Os cães não sabiam o quão eram estranhos no universo canino, mas ver aquele estranho animal a transformar-se, ficando mais musculoso, assustara-os e puseram-se em fuga.

– Onde foram todos?! – Perguntou Paul – Será que foram engolidos por esta terra?

A Palanca ativou o seu poder de ver para além do normal e vi-os caminhar em direcção à terra de Ngola. Paul pegou na sua fisga e saíram daí.

Capítulo II

O ataque dos crocodilos e as regras da árvore sagrada

Ligaram para o General e explicaram a morte dos dois chineses. O homem perguntou:

– Querem que eu diga aos Últimos Yakuzas que dois dos seus membros bem treinados foram mortos por um misterioso animal?! Ó Kidi, vocês estão a gozar comigo?!

– Não, chefe!

– Chefe, o caraças, pha! General, carambolas!

Eles continuariam com aqueles palavrões mais grosseiros que não podem aparecer num livro que também pode ser lido por adolescentes.

– Desculpa, senhor General.

– Desculpas... a ova! Quero esse animal capturado até amanhã ou vocês estarão mortos depois de amanhã, seus filhos da mãe! Olhem que tenho um amigo na força aérea com saudade de bombardear. Desde que alcançámos a maldita paz, o homem nunca mais esteve em zona de combate!

– Não será preciso, chefe! Não será preciso. Ainda hoje capturaremos essa Palanca.

Ligaram para os outros homens, distribuídos em vários quartéis plantados na vasta floresta. Cada um montou a sua armadilha. A Palanca persentia todos os perigos vindo de várias direcções. Acendeu-se-lhe uma espécie de lanterna na região da testa.

As crianças achavam aquilo uma maravilha. Para acelerarem e evitarem escorregadias, tiveram de fazer da Palanca um cavalo transportador.

Aquela floresta era densa e os caminhos livres eram quase os mesmos. Becos de espinhosas árvores com vários perigos à espreita. Os predadores, homens trombudos e armados assim como os animais selvagens, conheciam os caminhos e não precisavam de arquitetar muitas estratégias para apanhar presas. A palanca parou de repente, desligou a luz. Os miúdos ficaram assustados. Tiveram de apear. O corajoso Ngola pegou num pau que parecia era um taco de basebol. Paul armou a sua fisga. Os homens começaram a disparar. Os dois miúdos puseram-se a correr coordenadamente por entre as árvores. A Palanca ativou a capa protetora e as balas começaram a fazer ricochete, matando alguns homens. Os outros começaram a recuar. Um deles corria apavoradamente até esbarrar-se contra Paul. Ngola pegou no seu pau e bateu fortemente contra a cabeça do homem. Saíram daí e deixaram-no desmaiado. Seguiram a luz e reencontraram a Palanca. Continuaram a caminhar. Aquela terra mudava estranhamente. Matamba era mais distante. Decidiram dormir a beira do rio.

Acordaram e foram-se banhar. A Palanca olhava para os seus filhos e quase chorava. Ver um menino branco a banhar-se e a divertir-se na companhia de um negro, abraçando-se, era um episódio muito romântico. O animal metódico e traiçoeiro aproximava-se sem mexer as águas do rio Dande. Os miúdos banhavam-se com amor. Peixes multicolores colocavam-nos num círculo amigável. De repente, o cordão se desfez e os peixes puseram-se a correr daí. Aproximavam-se dois enormes crocodilos. A Palanca saltou para o rio, pôs-se por entre os miúdos e o casal de crocodilos. Os miúdos saíram da água e começou um enorme agitar de águas. A Palanca agigantou-se, activou a capa protetora e não sentia as dentadas dos crocodilos. Aqueles dentes enormes que teriam moído os miúdos em duas dentadas. Dominava-os com os chifres atirando-os distantes. Estes voltavam e o evento se repetia até a Palanca sair da água.

– Por que não os mataste com os teus chifres afiados? – Perguntou Paul.

– Filho, eles são animais. Precisam alimentar-se. Não pensam. Se os homens que pensam, matam outros homens para puderem viver, o que se esperaria de um animal?!

Saíram daí e continuaram a caminhar através da beira do rio. Algumas horas depois, viram surgir, no rio, barcos a motor com artilharia pesada. Os meninos colocaram-se à esquerda da Palanca para se protegerem dos tiros. Os homens

disparavam e gritavam como que a cantar. Não se aperceberam da chegada dos crocodilos até verem o primeiro barco a ser atacado. Começaram a disparar para a água até as armas ficarem descarregadas. Todos os barcos foram dominados e os crocodilos tiveram finalmente a sua refeição do dia. A melhor dos últimos dois anos. A tão procurada embarcação de turistas que desaparecera há dois anos sem deixar rastros sobrevive mortalmente nas profundezas daquelas águas. As almas ainda habitam aquelas águas. São escravas de Kianda Nkisse. Quando Kianda Nkisse quer alimentar os seus animais, usa uma delas para levar notícias a parentes próximos que não conseguem superar a perda e que têm esperanças de um possível regresso. Estes, em sonho, ensinam aos coitados a geografia de Matamba. Os coitados, sem avisar, partem rumo a Matamba e serão os próximos desaparecidos procurados pela Polícia Nacional. Surgirão as lendas. Um bando de chineses canibais anda a raptar pessoas para serem comidas. Mas, verdade seja dita, a parte do tráfico de órgãos não é lenda.

– Os espíritos usaram os crocodilos para nos defenderem! – Afirmou Ngola.

– Não acredito em espíritos! – Contrariou Paul.

Os miúdos finalmente começavam a entender-se sem tradução. Criaram uma língua crioula com as palavras mais utilizadas por cada um. Cada falante tinha como substrato linguístico a sua língua materna. Ora era em Kimbunlê ora em inglesmbundu. A Palanca ria-se daquela maravilha. Mas os miúdos entendiam-se de facto. Finalmente, conseguiram chegar a Matamba. A aldeia das mil maravilhas.

Encontraram apenas seis homens que faziam parte daquela expedição. Três militares americanos, um cidadão brasileiro, um português e um chinês.

– E onde estão os meus pais? – Questionou Paul aos companheiros do campismo.

– Foram engolidos por estas árvores. – Respondeu Orixá, um jovem mestiço, brasileiro, aventureiro.

– Como assim? Engolido pelas árvores?

Um enorme manto de tristeza envolveu o rapaz. Afinal de contas, não foi fácil suportar o peso do preconceito por quatro anos. O menino foi adoptado aos cinco. Aos seis anos foi colocado na escola primária de New Jersey. A mãe e o pai homossexuais alternavam os dias em que o levavam à escola e, mesmo naquele país supostamente

desenvolvido, era alvo de troças das outras crianças e, num inglês muito infantil, lento e de *bowling*, perguntavam-lhe:

- Esse daí é tua mãe ou teu pai?
- Quem te trouxe foi a mamãe ou o papai?
- E tu és menina ou rapaz?

O miúdo teve de ser precoce na vida. Aprendeu a desviar-se dos estereótipos e enfrentou o primeiro ciclo de ensino como se de um adulto se tratasse. Teria de aceitar e conviver com isso. Ser órfão!

Quem se manteve vivo foram aqueles que ouviram os conselhos do soba Kanyaga. Na verdade, foi o milagre do medo que os salvou. Podem comer quantas frutas desejarem dessa árvore e terão vida enriquecida. Mas tem de ser a mesma fruta. Aqueles que experimentarem frutas diferentes serão engolidos pela árvore. O Soba disse-lhes em Kimbundu, mas eles, na sua arrogância, não trouxeram tradutor. Acharam que o português dos brasileiros e dos portugueses era o suficiente. O soba dizia-lhes em gestos, mas não quiseram aceitar. Puseram-se a comer e, depois de dez minutos, começaram a desaparecer um por um. Instalava-se o pânico. Ninguém sabia quem era o próximo a desaparecer. Uns tentavam fugir como se o lugar é que os tivesse a consumir. Iam querer ver o rosto do jovem que tinha um dos pés fora de Matamba e percebeu que desaparecia enquanto corria. Sobraram alguns. Poucos. Olhavam-se, esperando quem seria o próximo a desaparecer. As horas consumiam-lhes as almas. Era uma ansiedade mais intensa do que aquela provocada pelo enredo das grandes cidades. Arnold puxou da pistola e começou a ameaçar o povo. Eis que o grande soba surgiu-lhe, e Arnold viu sua pistola a transformar-se em cobra falante. Até então era apenas uma história bíblica para os sobreviventes. O Português, sensível, desmaiara. Minutos depois iria acordar gritando sem ter ouvido o soba a dirigir-se-lhes em diferentes línguas.

Os sobreviventes da expedição foram aqueles que souberam respeitar ou temer aquela árvore que tinha tudo para ser sagrada. Nunca houve nada igual senão numa estória fictícia como esta. Uma árvore enorme, sem ferimentos e que produzia frutos diferentes. Os sobreviventes negaram-se a comer dela. Preferiram contemplar a maravilha. Aquela divindade em forma de árvore diante da qual os autóctones

dobravam os joelhos e prestavam rezas. Orixá fora o único a comer apenas uma fruta e continuaria entre os sobreviventes.

Matamba era uma região fértil. Uma espécie de reino secreto. Quem, por acaso, passasse por lá, ao sair, não tinha memória daquele lugar. O que restava aos turistas era uma enorme sensação de terem estado num lugar maravilhoso e mágico. Matamba era um sonho. Ó cidade fictícia de cuja existência nem o governo de Alogna sabia. Cidade, aldeia de árvores e animais multiformes e multicolores. Cidade de um longínquo passado que se perpetuava naquele presente empobrecido. Terra que poderia alimentar aquele país onde a ambição dos líderes não tinha tamanho. Terra sagrada que se não lhes revelava. Com aquela riqueza, comprariam mesmo metade do Dubai para, depois da sua morte ou no final do reinado, devolverem aos árabes o espaço com magníficas construções que, estando no seu próprio país, beneficiária gerações e gerações. Seriam capazes de esgotar em um ano o que poderia sustentar toda uma vida de um povo e gerações vindouras. Nem por ficção podíamos dar-lhes aquela cidade.

Paul chorava amargamente pela perda dos pais. Nzinga, irmã de Ngola Mbandi, não aceitava aquele instante. Afinal, depois de se ter perdido naquela mata, viveu durante três anos na cidade de Malanje. Assistia às telenovelas. Os brancos não costumavam chorar assim. Não faziam escândalo diante duma perda, mas Paul fazia. Orixá deteve-o com um forte abraço. O menino calou-se. É assim que costumava ser nas telenovelas, sem escândalo.

Capítulo III

A chegada do Genaral Cahoyo e a grande guerra

O General não podia mais perder dinheiro. Os homens que lhe morriam não lhe importavam muito. Importava-lhe o que produziam. Tinham de deter aquela animal. Era hora de o General aparecer na narrativa. Torná-la mais violenta, mais sangrenta e perigosa. Elevá-la a uma literatura mais adulta.

General Cahoyo fez parte daquele grupo de ricos saídos da guerra civil. Nos dois primeiros anos de paz efetiva, era daqueles que sentia saudade da guerra e daquele enredo de sangue que lhe enriquecia de bens materiais e transformava-o no mais pobre ser. Quando não tinha nada que fazer, pegava em alguns soldados, ia para as zonas rurais atacar aldeias. Cahoyo...

– Cahoyo não! General Cahoyo. Ó miúdo escritor, posso mandar o meu amigo bombardear a tua narrativa! Estás a gozar comigo?!

Está narrativa é minha. Posso matar-te mesmo agora se eu quiser.

– Desafio-te! Vais estragá-la através dessa loucura. E mesmo essa brincadeira que estás a fazer para aumentar mais páginas, será bastante criticada. Um editor sério eliminaria isso.

General Cahoyo era um homem sanguinário. Sem escrúpulo. Um tremendo filho da mãe... Peço desculpas pela grosseria. Pode-se-lhe dizer que foi mesmo um tremendo filho da... É melhor não dizer. Esse livro também pode ser lido por adolescentes. Que

educação é que lhes estarias a passar?! Mas esses miúdos de hoje já nascem disparatados!

General Cahoyo não chegara sozinho. Trouxe consigo alguns mercenários. Kidi descobrira o reino da Matamba finalmente. Cahoyo...

– General Cahoyo!

General Cahoyo queria ser o primeiro a explorar aquele reino escondido. Trouxe o seu velho amigo da Força Área. Isolou a floresta toda com carros de guerra e um helicóptero tecnologicamente bem equipado. Como sempre, o governo central não tinha ideia sobre o que acontecia naquela região. Os generais por aqui são autónomos, uma instituição acima de qualquer lei. Eles ditam as regras dos jogos e, se precisarem de legitimação legislativa, obrigam aos políticos a aprovarem leis. São proprietários de minas de diamantes e de zonas de exploração de petróleo e gás.

Instalaram-se num espaço onde se derrubaram vinte mil árvores enormes e espaçosas. Mandaram alguns homens para o reconhecimento do terreno:

– Situação, Mike?

– Três soldados americanos, três turistas e população nativa.

– Pessoas normais, Mike?!

– Afirmativo, Alfa.

– E o animal?

– Bicho ausente! Mas muita riqueza como já esperávamos.

A equipa de reconhecimento delirava com aquela maravilha. Terra de ouro, águas cristalinas, árvores sagradas, aves reluzentes e estrelas a dois braços de distância. Naquela terra o céu é parente próximo das casas feitas de um verde capim, sempre verde. A equipa distraiu-se com aquele cenário paradisíaco e foram surpreendidos por três soldados altamente qualificados.

– Delta, responde!

– Eles foram capturados. – Respondeu-lhes Arnold num inglês calmo e sarcástico.

– Americanos! Vocês não perdem, carambas! Querem sempre ser os primeiros. Mas vocês vão morrer. Já sabemos que são apenas três. Essa miserável história até pode estar a ser escrita por um miúdo maluco, mas vocês são apenas três e isso não é um dos vossos filmes. Já sabemos que não há linhas de comunicação. Deixem-nos entrar à vontade e libertem os nossos homens. – Imperava o General num inglês agramatical, mas compreensível.

– Vem buscá-los! – Respondeu-lhes Arnold, aumentando a fúria do General.

Todas as armas do mundo seguiam para Matamba. Arnold tinha os seus planos com aquela riqueza e condenara aquele povo à morte certa.

– O que foi que fizeste? O que foi que fizeste? Perguntou-lhe Stalone, empurrando-lhe pelo peito.

– Nós somos soldados. Soldados fazem guerra. Soldados não fogem guerra. Somos americanos. Comandamos o mundo e essa história está a ser escrita por um idiota que ouviu muito rap e perde bastante tempo com os filmes da *Marvel*.

– Isto não é um dos nossos filmes em Hollywood! Somos apenas três contra um exército. Eles podem ter apoio aéreo. E se forem homens do governo? – Perguntava Norris, o terceiro soldado.

Arnold puxou duma das pistolas, apontou aos homens do general. Stalone e Norris estavam distraídos a pensar na besteira do seu colega. Eles sabiam que levaram a morte para aquele povo. Havia alguma deontologia naquelas mentes de assassinos. Enquanto conversavam, ouviram alguns gritos. Era Arnold que, não respeitando o estatuto etário de alguns leitores, derramara barris de sangue pelo chão, metendo balas nas cabeças dos homens do General. A população não ouvia porque Arnold colocara silenciador na arma.

A noite avançava rapidamente. O que é que os americanos fariam? As riquezas falavam para os outros dois. Mas eles estavam cansados de matar por dinheiro e petróleo que enriqueceriam as elites norte-americanas. Republicanos e Democratas todos filhos da mesma mãe: poder, a origem de todos os males sociais. A questão não era petróleo, mas poderia haver. Aquela terra concentrava todas as riquezas do mundo. Enquanto os dois americanos pensavam, Yang surgiu do nada e, num ataque de mestre

de kung-fu, derrubava o louco do amigo. Yang movia-se tal um Jet Lee. Os dois americanos aproximaram-se e amarraram-no. Não poderiam esperar outra borrada.

Precisavam alertar aquele povo. Bateram as portas das casas e ninguém respondia ou ao menos saía. O que poderia ser?! O que estava a acontecer? Misteriosamente não havia ninguém. Chamaram pelos turistas. Jorge, o português, fez-se logo presente.

– Onde está o maluco do Orixá, aquele brasileiro maluco? – Inquiria Stalone.

Eis que de repente Soba Kayanga apareceu envolvido por um manto de luz que os fazia lembrar um anjo. Mas, desta vez, o anjo era mesmo negro. O anjo dirigia-se-lhes num inglês com voz celestial.

– Arnold, tu és mau. Teu coração é feito de pedaços de trevas.

–Stalone e Norris, soldados de várias lutas. Ainda bem que começam a ter consciência sobre as guerras. Há alguma luz em vocês. Vocês terão de decidir se lutam por essas riquezas, se lutam pelas vossas próprias vidas ou pelas vidas das três pessoas civis que restaram da vossa expedição. O nosso povo é imortal. Não morre. Somos feitos de espíritos. A vossa ilusão dá-nos os corpos.

Somos feitos de espíritos. A vossa ilusão dá-nos os corpos. Foram as palavras do Soba que se instalaram no consciente de Orixá que, entre as árvores, voltava-se e não mais via Nzinga. O homem saía daí assustado e corria para os companheiros quando surgiu o primeiro rebento. Os soldados responderam com tiros. Mas descobriram que disparavam contra o vento, pois que a explosão desceu dos céus e, minutos depois, observavam o enorme helicóptero. Aquilo era apenas um aviso. Os americanos sabiam que eles viriam apenas pela manhã. O General não ia querer ter surpresa. O Soba desaparecera no meio daquela explosão. O helicóptero retirou-se. Os americanos não tinham artilharia pesada. Pela primeira vez, entrariam numa guerra com armamento inferior. Nunca foi pelo treino. Quem tem a melhor arma vence. Agora estavam aí, diminuídos, com menos chance do que em todas as guerras das quais participavam.

Eles não poderiam sair daí naquela noite sob pena de caírem numa emboscada. As luzes atrairiam os homens do general. Além disso, sair de Matamba, em qualquer dia, de noite, era missão suicida. Prepararam o terreno para guerra, montaram armadilhas. Um dos homens dormiria numa das árvores enormes para derrubar o

helicóptero pela manhã. No cimo das árvores, que quase tocavam os céus, havia criaturas indefesas e lindas com as quais Norris conversava durante à noite. Criaturas encantadoras que encantavam a noite e afastavam a ideia do medo. O medo é uma ideia que, quando eliminada, dá corpo à coragem.

Ninguém ia querer fazer companhia a Arnold acabado de ser libertado. Tinha cara de diabo. Era possível ver demónios através dos seus discursos disparatados. Arnold tinha mais armas que todos. Como quem diz se matei eu, e vocês criticaram, então as armas são minhas. Estava excitado para a guerra.

Stalone ficou com os dois turistas. Deu-lhes cada uma arma para se puderem defender. Quando a calma chegou, Orixá, o brasileiro assanhado, disse:

– Envolvi-me sexualmente com um dos espíritos!

– O quê? – Rindo-se – vocês brasileiros são muito mulherengos! Mereceu-te!

– Não vamos entrar agora num discurso étnico. Reprendeu-lhes Stalone – Contamos como foi!

– Não liguês para esse portuga, não! Ainda não entenderam que somos independentes. Não posso descrever o acto. Num livro como este não se descrevem cenas sexuais, mas pode se dizer que foi uma das melhores que tive. Uma de se escrever em dez páginas. Seria dum lirismo profundo e autêntico e bastante erótico.

– Assim acreditas que adolescentes não podem falar de sexo? Esses de hoje? Não só falam como praticam! Mesmo nas vossas telenovelas temos visto adolescentes aos beijos. O beijo liberta a fúria dos genitais. Sabes disso, não sabes?! – Era Jorge, colocando em questão a inteligência do brasileiro.

O bate boca entre o português e o brasileiro continuava. O americano foi inspecionar os lugares possíveis em que a tropa do general entraria quando viu Paul, Ngola e a Palanca a saírem de um lugar que não esperava:

– Raios! Quase atirava em vocês! Isso dá para onde?

– Segredo! – Respondeu-lhe Ngola no seu Kimbunglês.

– Tenha calma, homem branco! – Aconselhou-lhe a Palanca.

– Ora bolas! Só me faltava esta! Mas quem está a escrever este livro? Agora surge-me um animal a falar e ainda por cima a dar-me conselhos. Agora é que não me acalmo mesmo. Que escritor é esse? Em que dimensão vive afinal?

– E se se acalmasse, senhor sargento! – Sugeriu-lhe Paul num inglês irónico!

– Ah não! Agora é que eu mato esse escritor! Uma criança a mandar-me calar a boca?! Mas que tipo de estória é esta?! Raios! Deus!!!

As primeiras luzes do dia começavam a espreitar. Uma bala encaminhava-se em direcção ao americano. A Palanca pôs-se no caminho e a bala fez retrocesso, atingindo, mortalmente, um dos homens do general. A guerra começou. Arnold começou a descarregar a fúria das suas balas sobre aqueles homens desorganizados. Eram apenas garimpeiros os homens que foram mandados para testarem o arsenal bélico dos americanos. Arnold tomou conta de todos eles sem ajuda. O bravo soldado decidiu avançar para acabar com o mal e só foi detido com tanques de guerra. O bravo soldado foi desfeito em pedaços. O helicóptero mal sobrevoou aquele céu foi logo derrubado por Norris. Os soldados do general responderam com dois disparos de canhão sobre as árvores.

– Manda-lhes mais dois disparos de canhão e nada mais do que isso. Não podemos destruir as riquezas daquele solo. – Ordenara o General. – São apenas cinco. Deve ter restado apenas um militar.

Avançaram para um ataque corpo a corpo. Jorge, Orixá e Stalone começaram a responder com os tiros. Stalone era mesmo um artista de Hollywood. O homem dominava a arte dos disparos. Yang era um Jet Lee e seguia derrubando todos com uma espada afiada por um deus ferreiro. O General via-se a perder a guerra. E ordenou que a sua artilharia pesada avançasse. Mercenários de muitas guerras, chineses afetos à máfia, Yakusas vestidos de ninjas, cães de várias raças. Eles não teriam hipóteses. Mas eis que novamente a Palanca surgia e equilibrava as forças. Os meninos encontraram um bom esconderijo. Norris surgiu surpreendendo a todos e desequilibrou as coisas.

Sobraram poucos, mas bons soldados e lutadores. A batalha durou algumas horas sem que alguém morresse. Era uma luta taco a taco e ninguém morria. Outro mistério voltou a encobrir aquela terra. Todos assustaram-se com a mudança

cataclísmica daquele espaço. O ouro converteu-se em areia. A árvore sagrada secara num só instante. Não havia mais nada de valioso senão a Palanca.

O objetivo agora era capturar a Palanca de chifre dourado. Aquele misterioso animal falante. Os mercenários começaram a disparar e começaram a morrer das suas próprias balas. Não aprenderam a lição. Uma misteriosa capa revestia o corpo de aço da Palanca e protegia-a de qualquer ferimento. O General não aceitava a derrota. Venceu várias guerras: Combateu contra os portugueses, contra os sul-africanos, contra FNLA, contra UNITA e sempre saiu vencedor. Um animal é que o iria vencer?!

Yang lutava a sua luta. Afinal, não era turista. Arranjou apenas uma forma de entrar naquela expedição para puder vingar a morte da esposa e da filha. Estavam de passeio em Hong Kong. Mia, esposa de Yang, acompanhada de sua filha, caminhava por entre as motos quando um grupo perseguia um americano. O turista americano avançava em direcção das duas senhoras. Os membros daquela Gang viam as outras pessoas, mas não se importaram. Começaram a disparar. O americano fugiu, conseguiu chegar ao consulado de seu país. Mas as senhoras Yang viram-se privadas da vida aí. Apareceram em sua casa para avisarem ao homem que tinham sido assassinadas e exigiam vingança. Yang foi ter com os corpos e chorava amargamente. Apercebeu-se da prisão dos membros daquela Gang. Fez de tudo para parar na mesma cela dos membros daquele grupo. Assassinou tantos quanto pode. Os sobreviventes foram mandados para Alogna como homens da construção civil. Mas como a cobra pode mudar de pele e não de natureza, continuariam a desfazer em Alogna. Dez anos depois, Yang descobriu uma forma de terminar a sua vingança. Entre espadas e catanas, Yang feria e era ferido. Mesmo quando só lhe restava um braço, o desejo de vingança fê-lo matar todos. Agora o General estava aí sozinho entre Yang, Stalone, Norris, Orixá, Jorge e a Palanca. Deixaram-no partir, mas a pé. Os caminhos iam tratar de si.

CAPÍTULO IV

A inevitável corrupção dos homens

Os miúdos saíram do esconderijo. Iam para abraçar a Palanca quando a viram cair pela primeira vez. Era um sonífero, capaz de derrubar um elefante enorme, acabado de ser disparado por Stalone. Aquela Palanca era capaz de lhes resolver a vida. Yang, agora com um braço, tentou ser o herói. Começou a espancar os dois militares. Eles não iam aceitar ser treinados para perderem uma luta contra um chinês de um braço. Stalone pegou na arma e disparou contra a cabeça de Yang. Naquele instante, Yang começou a sorrir de felicidade. Via a sua esposa e a sua filha. Levantou-se do corpo morto, sacudiu as imundices, endireitou o cabelo e foi em direcção das mulheres de sua vida, envolvendo-as num forte abraço. Surgiu um dragão vermelho para eles montarem. Subiram e dirigiram-se às invisíveis terras onde Buda os esperava com alguns paus, tigelinhas de arroz e sushi e aí alcançaram a plena felicidade.

Orixá também quis ser herói e levou um tiro do ombro. Jorge entrou na jogada. Aqueles chifres valeriam muita massa. Dariam em bons euros. Ademais, o Pentágono pagaria muito bem se descobrissem a tecnologia que revestia o corpo daquele animal. Eles não acreditavam na dimensão espiritual das coisas. Esqueceram-se do soba Kanyanga?!

Ver a Palanca aí deitada magoava-os. O que iriam fazer diante dos americanos brutamontes? Ngola invocava os espíritos e estes tardavam aparecer. Enquanto os americanos e o portuga colocavam o animal no carro, Paul e Ngola aproveitavam fugir. Mas não era fugir como tal. Eles não iriam permitir que os roubassem o seu animal. Orixá sangrava naquele chão e via Nzinga a chegar. Só ele a via. Esta cuidava da sua ferida sem que aqueles se apercebessem. Ngola e Paul voltaram e lançaram um ataque contra os homens armados. Ngola disparava flechas e Paul, a sua fisga. Uma pedra atingira os olhos de Stalone e outra flecha, os ombros de Jorge. Stalone, enfurecido:

– Droga! A culpa é desse escritor! Eu queria acabar com esse filho da mãe infantil antes. Um coelho criado por homossexuais é que me vai ferir?! Porras! Acabamos com um exército, afinal!

Stalone enfurecido começou a disparar contra as crianças. Soba Kanyanga pôs-se entre os disparos e os meninos. As balas ficaram suspensas no ar. Norris e Jorge continuaram a disparar, mas as balas não transpunham a barreira neuroespiritual levantada por Soba Kanyanga. A Palanca reergueu-se. Jorge foi quem primeiro viu. Colocou-se em fuga, mas foi impedido de sair da aldeia. Em cada canto saía um popular. Jorge voltou até ao sítio em que se encontravam os outros.

– Seus feiticeiros, afastem-se de mim! Que raios! Todos desapareceram no vento e agora ressurgem. Mas que raio sois vós, afinal?!

Os três foram colocados num círculo humano. Stalone e Norris pensavam a mesma coisa. Sobreviver a guerra do Iraque e a vários ataques terroristas para morrer numa aldeia em África?!

Há sempre uma última bala em algum canto de cada soldado. Uma bala para matar o último inimigo ou para se tirar a própria vida. Havia já um esquema montando em algum treino que tiveram:

– Ao meu sinal!

Colocaram a bala por entre o pescoço e estavam prontos para partirem.

– Seus cobardes! Vão tirar a própria vida? – Perguntava o portuga.

Dispararam três vezes. Mas parecia as armas estavam encravadas. O grande soba e aquela população contemplavam-nos.

– Meus filhos, é riqueza que vocês queriam?

O soba mandou trazer um saco de diamantes raros para os três. Deu-lhes comida e bebida para o caminho, mas não autorizou que fossem de carro.

Saíram dali seguidamente. Combinaram dividir-se equitativamente. O soba abanava a cabeça como se tivesse tido um presságio. Os diamantes foram entregues nas

mãos de Norris. Dentre eles, parecia era o menos ambicioso. Enquanto caminhavam, passaram por uma ponte por baixo da qual habitava um precipício.

A ferida de Orixá estava completamente curada. A Palanca já não precisava estar aí. Já conhecia o novo inimigo daquele povo. Os inimigos eram irmãos com ambição sem fim e cobardemente escondiam-se por trás de uma farda. Voltou naquela cidade de pedra onde Ngola e Paul descobrirão novos mistérios.

Orixá sabia que a sua vida era Nzinga. Não queria voltar para o Brasil de Temer. Casar-se-á com Nzinga e terão dois filhos em alguma saga dessa história. O seu espírito de aventureiro o levará a cuidar de Ngola e Paul nas suas aventuras.

Jorge seguia com o coração preenchido de medo. Sabia o que se passava na cabeça de Stalone. Livrar-se dele e dividir por dois. Tiveram a impressão de terem visto um vulto. Puseram-se a correr, pois não tinham armas de fogo, senão catanas antigas. Enquanto corriam, Stalone empurrara Jorge num pequeno riacho:

– Mataste-o?

– Não! Caiu.

– Mataste-o, sim!

E os dois puseram-se a rir. – Estamos ricos – diziam quando descobriram a estrada. Puseram-se no meio do caminho e conseguiram parar um camionista. Ameaçaram-no com uma catana e detiveram-no, amarrando-o. Dirigiram-se ao porto onde encontraram o General Cahoyo, alguns capangas e o Jorge.

– Tu não morres?

– Parece que não! Encontrei um velho amigo e salvou-me.

– Dêem-me os diamantes, seus sacanas! – Imperava o General num inglês mal falado, mas compreensível.

Os americanos passaram-lhe o saco. Quando este o abriu, viu saltar-lhe um pó no olho esquerdo e finalmente tínhamos o verdadeiro General Cahoyo, amigo de Camões, o Jorge, o Português. Não havia diamante nenhum naquele saco e os americanos pagariam pelos seus olhos como novos mercenários. Afinal de contas, que América é que os receberia com o desaparecimento de vários quadros?

Jorge ganhou nova nacionalidade e agora era o assistente do General. A sua liga do mal constituída por presidentes de todo mundo, ministros, deputados do regime e da oposição, religiosos, continuaria a lixar o resto do povo. Apesar de os países da linha de frente (EUA e Rússia) aperceberem-se da sua existência, Matamba continuaria escondida perante o cego olhar do povo de Alogna. A sua existência já não era segredo, mas contra eles, os da liga sabiam que não podiam. Então, contratariam os americanos, negando o pacto com Moscovo, através de conversas secretas. A ideia era invadir o espaço aéreo de Alogna, o país que anda de costas com os seus pássaros invisíveis, simular um aeroporto perto de Matamba, fazer descer os soldados e, para não parecer violação do princípio de soberania dos estados, o General, braço direito de Calígula Narciso dos Diabos ou mesmo seu chefe, fingiria tratar-se de manobras militares conjuntas.

Dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta aviões para uma simples demonstração de acrobacia aérea na província de Malanje. Calígula Narciso não era burro, foi formado na Rússia. Guerreara contra os americanos através do KGB nas grandes guerras mundiais. Conhecia as suas artimanhas. Sabia que a sua barriga estava a ser invadida. Ministro da defesa, coloca-me em contacto com os Russos! Os Russos já sabem do ataque. Calígula Narciso quase que enlouquecia de tanto gritar. Liguem-me para Cahoyo:

– Filho da... Se este livro não tivesse de ser lido também por adolescentes, mandava-te uns filhos da puta! Traíste-me, seu animal. Traíste a tua pátria.

– Fica calmo, Calígula.

– Fica calmo, quê?! Chamaste-me pelo meu nome? O meu herdeiro há-de te exonerar, se eu não sair vivo dessa.

– Ouve, seu velhote, você estava tão cego pelo poder que não via mais nada. O teu herdeiro vai mesmo só exonerar e mais nada! Depois acabo na federação angolana de futebol só para me vingar de todas as palancas. Se quiser viver viaja já, porque os Russos também estão comigo. Pega nos teus filhos e vai para Cuba, Coreia do Norte ou para São Tomé.

CAPÍTULO V

A grande invasão

Nunca estivemos sós. Eles sempre estiveram no meio de nós, a caminhar connosco lado a lado; nos ouvidos, através da sua música; a condicionar a nossa vida, através do dólar; vestindo-nos com roupas de marcas que nos levavam a desprezar quem não as tinha; nos nossos olhos, traziam Hollywood através dos filmes; na escola, através do ensino da sua língua que nos levava a desprezar as nossas; agora estão aqui de forma diferente. Seus soldados e potentes aeronaves, que fazem lembrar naves extraterrestres, saíam da televisão enquanto assistíamos.

Calígula Narciso dos Diabos, o meu vilão favorito em toda a história da ficção angolana, não fugiria dessa guerra apesar da idade. Ordenou que o ministro da defesa preparasse as tropas. Todos sabiam que não teríamos material bélico para suportar a ofensiva americana e que, se o presidente Cenoura Louro quisesse, a guerra teria durado menos de um minuto. As guerras de hoje estão a um clique. Os países sem tecnologia conhecem o seu lugar. Ademais, os americanos tinham bases terrestres, com mísseis de curto e longo alcance, instaladas nos dois Congos; um navio de guerra atracado algures, no oceano atlântico.

Calígula tinha uma grande virtude: o orgulho. Talvez fosse o seu rosto feito soldado geneticamente trabalhado que lhe dava confiança e aquele olhar sombrio que parecia queria devorar alguém. Dizem que, certa vez, em visita a uma expedição de turistas armados que viajaria para RDC com vista a participar de um safari numa zona fértil em guerra, (era essa a informação oficial, o código dos mercenários), deixou cair aquele

batalhão de Comandos com aquele olhar fulminante. Calígula tinha superpoderes. Derrotara os sul-africanos e a oposição apenas com ameaças. Lanço-vos um olhar e vocês caem todos, filha da muna!

Calígula dirigiu-se à nação com sua voz suave e foi preciso intrigá-lo numa narrativa para reconhecer seus erros. Povo de Alogna, precisamos chegar ao precipício para termos consciência dos nossos actos. Fomos traídos. O “fomos traído”, a natureza do discurso e o timbre de voz eram máquinas de tempo para muitos kotas, faziam lembrar o fraccionismo. Todos os velhos de 50 e 60 anos, preocupados, mesmo o discurso rolando, ligavam para os filhos não saírem para rua. Mas depois se descobriu que o presidente apelava a união. Precisávamos expulsar os invasores. Toda a população estava armada. Dormiram todos e acordaram três dias depois.

A cidade capital, como não era de se esperar, acordara calma e amena. Erguera-se da cama do sono, viu sua imagem refletida no espelho, foi ao quarto de banho, escovou os dentes, tomou banho e saiu através da sua população que achava tudo estranho. A tropa toda havia desaparecido. Dormiram todos armados e acordaram desarmados. O mundo voltara a ser um inexplicável mistério.

Calígula acordara numa ilha com casas que o fazia lembrar da infância. Não estava em Alogna. Pegou no telemóvel, discou o número do ministério da defesa e doutro lado estava o General Cahoyo.

– Olá, vavô! O país agora é gerido por um general. Não precisas ficar preocupado. Ninguém tocará nos teus filhos. E saiba que a menina Páscoa é agora a vice e foi ela a dizer à nação que o seu pai já não reunia condições psicológicas para continuar a dirigir os destinos do país. Tu ensinaste-nos a ser ratos, não te preocupes. Nós roíamos-te e depois soprávamos e tu não lias os sinais. Até os teus filhos deixaram de ver em ti o homem que eras. Tratavas a todos como simples objectos. Agora é a nossa vez. Vais ficar aí nessa prisão de luxo até os últimos dias da tua vida.

O discurso do Cahoyo continuava... – Cahoyo não! General Cahoyo. O discurso do Cahoyo continuava e dele nasceram as lâminas que cortaram duas veias na cabeça de Calígula Narciso. Em sua memória, a família recebera duas ilhas no atlântico e bilhões de dólares que seriam repartidos para os 48 filhos que fizera, de acordo a importância e o grau de acidente com as mães.

Afinal a grande invasão era um complô entre russos, americanos e angolanos. Fora silenciosa. Nem houve espaço para imprensa. Calígula tinha saído do eixo e era um cachorro desobediente. Desafiava os interesses do ocidente e da própria Rússia. General Cahoyo, a Senhora Páscoa e o novo Presidente perpetuaram o golpe mais inesperado da história universal. O povo queria ver-se livre de Calígula, mas não esperava que fossem os mais próximos a conseguir um feito que, à medida que os anos passavam, se tornava mais difícil para os olhos do ocidente. Os mais próximos é que nos matam quando a admiração, o sorriso, os beijos, o carinho e outras idiotices se nos revelam falsos.

Enquanto o país delirava com o novo presidente, os ratos roíam os pães que alimentariam o presente. Para as futuras gerações, só restava a palavra milagre. Os americanos, os russos e a tropa do General Cahoyo procuravam por Matamba. Os russos foram obrigados a redireccionar o AngoSat. Não estava perdido. O objecto espacial não se encontrava a supervisionar a atmosfera angolana por força de um Kilápi com proporções histórico-económicas.

Os americanos e os russos ficaram furiosos com General Cahoyo. Todo o petróleo será nosso, porras! Nós não tiramos as nossas melhores armas, a nossa melhor tecnologia para caçar nada. As duas nações colocaram Alogna no kafrique. Entretanto, já não se tratava de Alogna. Quando se trata de invasão externa, somos todos Angola, de Cabinda ao Cunene. O povo sofria nas mãos dos novos neocolonialistas. Os anteriores integravam o aparelho do estado. Matamba não ia suportar tal crime. Soba Canyonga, com sua magia de fazer desaparecer as coisas; Orixá, agora transformado pelo poder da árvore sagrada; Ngola, com sua flecha que agora lança raios; Paul, com sua fisga com pedras que, com alguma acção oculta, transforma-se em fogo; e a Palanca-de-Chifres-Dourados deixaram cair as duas potências, e serão a China e a Coreia do Norte a inventarem o novo destino do universo.

BIOGRAFIA

Hélder Simbad (Helder Silvestre Simba André) é professor de Literatura no ICRA, escritor e filósofo da literatura. Vencedor do Prémio Literário António Jacinto 2017 com a obra «Enviesada Rosa»; publicou, em Lisboa, pela Perfil Criativo – a obra «Insurreição dos Signos». Tem textos e diversos artigos espalhados em vários Jornais, Revistas e Sites nacionais e internacionais. É coordenador geral do Movimento Litteragris.

A narrativa que se nos apresenta é caracterizada pela unicidade diegética, na medida em que transcende de uma forma simples para uma forma culta de narrativa sob o viés do mito. O mito, uma crença-verdade, aparece entranhando à novela através do pensamento protofilosófico de um "miúdo escritor" que, na tentativa de evitar um "porvir nauseabundo e intrigante", outorga asas a sua capacidade fantástica de criar e convoca um signo imagético que protagoniza a diegese e dá título à obra - A Palanca de Chifres Dourados.

